

São Paulo, 7 de janeiro de 2009.

NOTA À IMPRENSA

## **Em 2008, cesta básica subiu até 29,31%**

Em nove capitais onde o DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica, o custo dos alimentos essenciais registrou alta acumulada superior a 20,00%, em 2008. Considerando as 16 capitais para as quais existem dados para todo o ano, os maiores aumentos foram apurados em João Pessoa (29,31%), Natal (26,73%), Florianópolis (25,26%) e Fortaleza (24,61%). As menores variações ocorreram em Belém (4,76%), Goiânia (10,61%), São Paulo (11,58%), Belo Horizonte (12,43%) e Aracaju (12,92%). Em Manaus, a pesquisa começou a ser realizada em outubro.

Em dezembro, todas as 17 localidades pesquisadas registraram alta. As elevações mais significativas verificaram-se em João Pessoa (14,71%), Aracaju (7,74%), Natal (7,45%), Porto Alegre (6,64%) e Rio de Janeiro (6,45%). Belém (0,29%), São Paulo (0,35%), Curitiba e Vitória (ambas com taxa de 0,61%) apresentaram os menores aumentos.

A forte alta verificada em Porto Alegre fez com que a capital gaúcha registrasse o maior custo para os gêneros alimentícios essenciais (R\$ 254,86), com um valor bastante distanciado das demais cidades. A segunda capital mais cara foi o Rio de Janeiro (R\$ 239,78), onde o valor foi bem próximo do apurado em São Paulo (R\$ 239,49) e Florianópolis (R\$ 239,03). Os menores preços para o conjunto de gêneros alimentícios essenciais foram registrados em Recife (R\$ 183,61), Salvador (R\$ 193,06) e Aracaju (R\$ 193,28).

Com base no custo apurado para a cesta de Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor

do salário mínimo necessário. Em dezembro, o menor salário pago deveria ser **R\$ 2.141,08**, ou seja, 5,16 vezes o mínimo em vigor (R\$ 415,00). Em novembro, o piso salarial era estimado em R\$ 2.007,84, o que corresponde a 4,83 vezes o mínimo nacional. Em dezembro do ano passado, o salário mínimo necessário era de R\$ 1.803,11 (4,75 vezes o piso de então, de R\$ 380,00).

**TABELA**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Custo e variação da cesta básica em 17 capitais**  
**Brasil – dezembro 2008**

<b>Capital</b>	<b>Variação Anual (%)</b>	<b>Variação Mensal (%)</b>	<b>Valor da Cesta (R\$)</b>	<b>Porcentagem do Salário Mínimo Líquido</b>	<b>Tempo de Trabalho</b>
João Pessoa	29,31	14,71	200,55	52,53	106h 19min
Natal	26,73	7,45	212,80	55,74	112h 49min
Florianópolis	25,26	5,47	239,03	62,61	126h 43min
Fortaleza	24,61	5,27	197,32	51,68	104h 36min
Rio de Janeiro	23,31	6,45	239,78	62,80	127h 07min
Curitiba	22,52	0,61	229,39	60,08	121h 36min
Brasília	22,21	4,68	236,15	61,85	125h 11min
Salvador	21,64	3,60	193,06	50,57	102h 21min
Vitória	20,07	0,61	227,54	59,60	120h 37min
Porto Alegre	19,70	6,64	254,86	66,75	135h 06min
Recife	18,15	4,79	183,61	48,09	97h 20min
Aracaju	12,92	7,74	193,28	50,62	102h 28min
Belo Horizonte	12,43	2,15	230,25	60,31	122h 04min
São Paulo	11,58	0,35	239,49	62,73	126h 58min
Goiânia	10,61	1,41	209,43	54,85	111h 01min
Belém	4,76	0,29	199,05	52,13	105h 31min
Manaus	(---)	2,23	225,83	59,15	119h 43min

Fonte: DIEESE

Obs.: (---) Dado inexistente

## **Cesta x salário mínimo**

Com a alta nos preços dos produtos básicos em todas as cidades pesquisadas, o tempo de trabalho necessário para a aquisição da cesta básica na média das 17 localidades correspondeu, em dezembro, a 115 horas e 44 minutos, bem superior ao exigido em novembro, de 111 horas e 04 minutos. A distância é ainda mais significativa em relação a dezembro de 2007, quando a jornada necessária era de 106 horas e 36 minutos.

Também na comparação entre o custo da cesta e o salário mínimo líquido - após o desconto equivalente à Previdência Social - verifica-se o mesmo comportamento, pois a compra que em dezembro comprometia 57,18% do valor recebido pelo trabalhador, em novembro exigia 54,88% do total recebido. Em dezembro de 2007, a aquisição dos mesmos bens necessitava de 52,25% do salário líquido.

## **Comportamento dos preços**

Com o início da colheita de alguns grãos, os preços do feijão, da soja e do arroz começaram a apresentar recuo, em dezembro. No entanto, itens, como o tomate, elevaram fortemente o valor da cesta.

Todas as 17 capitais pesquisadas registraram queda no preço do feijão, em dezembro, independentemente de a variedade ser preto ou de cores. Recife (-35,37%), Fortaleza (-28,13%), Belo Horizonte (-27,12%) e Salvador (-26,04%) – localidades onde o DIEESE acompanha o preço do feijão de cores - tiveram as maiores retrações. Reduções inferiores a 10% foram constatadas em quatro cidades nas quais é pesquisado o preço do feijão preto: Florianópolis (-7,76%), Brasília (-4,63%), Curitiba (-3,73%) e Rio de Janeiro (-3,72%). O recuo registrado em dezembro contribuiu para que 10 cidades apresentassem também variações negativas na comparação com os preços apurados em dezembro de 2007. Em todas é pesquisado o feijão de cores, e os destaques são: Belém (-43,60%), Fortaleza (-41,34%), Natal (-40,11%) e Recife (-39,32%). Por outro lado, nas localidades onde é acompanhado o preço do feijão preto ainda foram verificadas altas expressivas, que variaram entre 36,55%, em Vitória e 68,13%, em Brasília.

O preço do óleo de soja caiu em 15 capitais, em especial em Aracaju (-15,58%), Vitória (-9,00%), Brasília (-7,09%) e Rio de Janeiro (-6,89%). Apenas em Curitiba (0,69%) e Recife (2,65%) foram constatadas elevações. O movimento de redução do preço do óleo já vem ocorrendo nos últimos meses, o que fez com que, mesmo que ainda sejam registradas altas em 12 meses, já existam localidades com variação negativa. Dez capitais apresentam alta em relação a dezembro de 2007, sendo que em quatro delas o aumento é superior a 10%: Florianópolis (11,64%), Fortaleza (11,63%), Salvador (11,45%) e Belo Horizonte (10,04%). Dentre as seis localidades onde houve recuo, os destaques são Aracaju (-7,54%) e Goiânia (-5,18%).

Em dezembro, o arroz apresentou queda em 11 cidades, com as taxas mais significativas apuradas em Belém (-2,93%), São Paulo (-2,86%), Recife (-2,30%) e Fortaleza (-2,25%). Houve estabilidade em Goiânia e alta em outras cinco, em especial, em Aracaju (6,11%) e Porto Alegre (3,23%). Na comparação com dezembro de 2007, o produto ainda está mais caro em todas as 16 capitais para as quais existem informações do período, com aumentos que se situam entre 25,00%, em Curitiba, e 49,62%, em Fortaleza. A maior oferta, resultante da boa safra do produto, deve contribuir para a redução de preços. A principal preocupação fica por conta da seca que atinge o Rio Grande do Sul, principal estado produtor do arroz agulhinha.

Também o açúcar apresentou predomínio de queda em dezembro, comportamento apurado em nove capitais, com destaque para Aracaju (-6,87%), Curitiba (-6,20%) e Salvador (-5,83%). Em Goiânia, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e João Pessoa houve estabilidade, enquanto São Paulo (0,78%), Natal (1,74%), Manaus (1,98%) e Brasília (2,05%) tiveram variações positivas. O final da colheita da cana no Centro-Sul do país, e em especial, em São Paulo, permitiu a redução no preço do açúcar. No entanto, na comparação com dezembro de 2007, 13 localidades registram valor mais elevado agora, com destaque para Natal (19,39%), Florianópolis (19,20%), Recife (16,16%) e Fortaleza (15,46%). Em Vitória, o preço é igual em dezembro, nos dois anos, enquanto em Belém (-16,56%) e Aracaju (-31,07%), houve retração. Boa parte da alta verificada para o produto decorre do comportamento do câmbio, com a elevação da paridade dólar/real.

O produto que registrou os maiores aumentos e responsável pelo comportamento altista da cesta, em dezembro, foi o tomate – item sempre sujeito a forte oscilação de preço. Elevações exageradas foram anotadas em capitais do Nordeste como João Pessoa (167,84%), Aracaju (135,56%), Recife (120,49%), Natal (100,57%) e Fortaleza (82,95%). Estes aumentos foram motivados por chuva em regiões produtoras e alta nos preços dos fertilizantes e adubos no período do plantio, resultando em extraordinárias variações anuais. Mais uma vez, as taxas mais expressivas foram verificadas nas capitais nordestinas: João Pessoa (282,72%), Recife (240,51%), Natal (225,00%), Aracaju (181,42%), Fortaleza (172,88%) e Salvador (161,39%).

Dez capitais registraram alta no preço do leite, com destaque para Florianópolis (5,21%), João Pessoa (4,46%) e Rio de Janeiro (4,12%). Em São Paulo e Natal houve estabilidade. Dentre as cinco cidades com retração, as mais significativas ocorreram em

Vitória (-3,00%), e Brasília (-2,37%). Em 12 meses, 11 capitais apresentaram aumento, em particular Belém (20,88%) e Florianópolis (15,54%). Nesta última cidade, a alta foi consequência das enchentes que afetaram grande parte de Santa Catarina. Das cinco capitais onde houve queda na variação anual, a maior redução foi apurada em Salvador (-13,79%). Se as chuvas não causarem maiores estragos, o preço do leite deve cair nos próximos meses devido ao crescimento da produção.

Também o café registrou alta em 10 capitais, em dezembro. Curitiba (3,44%), São Paulo (2,94%) e Recife (2,92%) tiveram as maiores variações, enquanto as principais quedas foram apuradas em Florianópolis (-5,53%) e João Pessoa (-2,18%). Nos últimos 12 meses, aumentos foram verificados em 11 localidades, especialmente em Fortaleza (16,00%), Belém (11,58%) e Aracaju (13,68%). Vitória (-5,24%), Porto Alegre (-3,95%) e Brasília (-3,71%) tiveram os recuos mais significativos. A expectativa de uma boa safra pode favorecer o barateamento do café. No entanto, como se trata de produto exportado, a valorização do dólar pode frustrar uma queda maior.

A carne, produto de maior peso na cesta básica, não apresentou tendência específica, em dezembro, com alta em oito capitais, redução em sete e estabilidade em São Paulo e Brasília. Os principais aumentos foram registrados em Porto Alegre (4,09%) e Florianópolis (4,04%) enquanto as maiores retrações ocorreram em Aracaju (-6,85%) e Vitória (-2,75%). Em 12 meses, porém, houve elevação generalizada, com altas entre 6,73%, em Belém, e 38,23%, em Fortaleza. A principal justificativa para este comportamento é o câmbio, pois, o produto é exportado para muitos países.

A intensidade das chuvas em diferentes estados pode gerar uma expectativa pessimista para os próximos meses. Isto porque fortes inundações têm atingido regiões produtoras de alimentos como Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro. Além disso, o oeste de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul estão enfrentando problemas decorrentes da seca, o que também pode resultar em aumento nos preços dos produtos agrícolas.

**São Paulo**

A pequena alta – de 0,35% - verificada para os produtos alimentícios essenciais na capital paulista, fez com que o valor da cesta básica, em dezembro, ficasse em R\$ 239,49, o terceiro maior dentre as 17 capitais onde o DIEESE realiza a pesquisa. O aumento em 12 meses foi o terceiro mais baixo entre as cidades acompanhadas, ficando em 11,58%.

Em dezembro, cinco dos 13 itens que compõem a cesta básica pesquisada em São Paulo registraram queda: feijão carioca (-23,22%); óleo de soja (-5,09%); arroz agulhinha tipo 2 (-2,86%), manteiga (-2,18%) e banana nanica (-2,09%). A carne bovina de primeira e o leite *in natura* tipo C apresentaram estabilidade em seus preços. As elevações ocorreram para o tomate (36,19%), café em pó (2,94%), açúcar refinado (0,78%), pão francês e batata (alta de 0,64%, para cada um dos itens), e farinha de trigo (0,31%).

Apenas o feijão (-32,12%) e a batata (-19,49%) registraram retração em comparação com dezembro de 2007. A maior elevação foi verificada para o tomate (66,28%). Também o arroz (36,91%), a carne (20,11%) e o pão (19,28%) tiveram aumentos significativos. Altas mais discretas foram verificadas para o açúcar (14,16%), banana (11,59%), farinha de trigo (11,34%), manteiga (9,23%), óleo de soja (5,67%), leite (3,83%) e café (1,45%).

Para adquirir o conjunto de bens de primeira necessidade, o trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir, em dezembro, uma jornada de 126 horas e 58 minutos, pouco superior ao tempo exigido em novembro, de 126 horas e 31 minutos. Em dezembro de 2007, a jornada necessária para realizar a mesma compra era de 124 horas e 16 minutos.

Também quando se considera o valor do salário mínimo líquido – após o desconto da parcela referente à Previdência Social – verifica-se a mesma correlação. Em dezembro, a relação entre o custo da cesta e o salário mínimo líquido correspondia a 62,73%, pouco superior ao apurado em novembro (62,51%) e ao de dezembro de 2007 (61,16%).

Os preços dos alimentos na capital paulista no último ano fizeram com que o comprometimento do salário mínimo com a compra da cesta básica crescesse em 2008, revertendo um comportamento de queda que vinha se verificando desde 2003. Assim, na média do ano passado, a aquisição dos gêneros essenciais demandou 57,68% do salário médio de um trabalhador remunerado pelo mínimo e exigiu uma jornada de trabalho de 126

horas e 54 minutos em média. Em 2007, eram comprometidos 51,95% do salário e a jornada necessária correspondia a 114 horas e 17 minutos.

**Tabela 2**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Comprometimento do salário mínimo com a compra da cesta básica**  
**Município de São Paulo – 1959/2008**

ANO	CESTA BÁSICA X SALÁRIO MÍNIMO (EM %)	JORNADA DE TRABALHO NECESSÁRIA	ANO	CESTA BÁSICA X SALÁRIO MÍNIMO (EM %)	JORNADA DE TRABALHO NECESSÁRIA
1959	27,12	65H 05 MIN	1991	74,79	164H 32 MIN
1960	33,96	81H 30 MIN	1992	85,56	188H 14 MIN
1961	29,96	71H 54 MIN	1993	78,07	171H 46 MIN
1962	39,50	94H 48 MIN	1994	102,35	225H 10 MIN
1963	40,97	98H 20 MIN	1995	99,69	219H 18 MIN
1964 <sup>(1)</sup>	-	-	1996	88,08	193H 46 MIN
1965	36,74	88H 10 MIN	1997	81,32	178H 56 MIN
1966	45,62	109H 15 MIN	1998	81,98	180H 22 MIN
1967	43,85	105H 14 MIN	1999	79,86	175H 42 MIN
1968	42,33	101H 35 MIN	2000	78,47	172H 38 MIN
1969	45,97	110H 20 MIN	2001	73,51	161H 42 MIN
1970	43,82	106H 11 MIN	2002	70,53	155H 10 MIN
1971	46,58	111H 48 MIN	2003	73,20	161H 04 MIN
1972	49,65	119H 09 MIN	2004	68,09	149H 48 MIN
1973	61,25	147H 00 MIN	2005	62,60	137H 43 MIN
1974	68,10	163H 26 MIN	2006	52,67	115H 53 MIN
1975	62,36	149H 39 MIN	2007	51,95	114H 17 MIN
1976	65,63	157H 30 MIN	2008	57,68	126H 54 MIN
1977	59,30	142H 19 MIN			
1978	57,34	137H 37 MIN			
1979	63,78	153H 04 MIN			
1980	65,57	157H 22 MIN			
1981	62,36	149H 40 MIN			
1982	54,74	131H 22 MIN			
1983	73,56	176H 33 MIN			
1984	81,10	194H 38 MIN			
1985	74,38	178H 30 MIN			
1986	78,89	189H 20 MIN			
1987	86,86	208H 28 MIN			
1988 <sup>(2)</sup>	71,34	167H 48 MIN			
1989	77,88	171H 20 MIN			
1990	92,42	203H 19 MIN			

Fonte: DIEESE

Nota: (1) Por motivos alheios a sua vontade, o DIEESE não possui os preços de 1964

(2) De janeiro a setembro, foi considerada a jornada legal de 240 horas. De outubro a dezembro, 220 horas.